

# NOTÍCIAS DA LANCHA

ORGÃO INFORMATIVO DA CONSTRUÇÃO DA LANCHA POVEIRA DO ALTO

## PULSAÇÃO DO SONHO!

Tudo começou pelo peso insustentável da necessidade. As velhas lanchas poveiras haviam desaparecido há quase meio século. Com elas, foi-se perdendo, pouco a pouco, a poderosa identidade cultural da colmeia piscatória poveira - tão magnífica e imagineticamente evocada pelos versos de António Nobre: OH! AS LANCHAS DOS POVEIROS / A SAÍREM A BARRA, ENTRE ONDAS E GAIVOTAS! / QUE ESTRANHO É!

Importava não só recuperar uma imagem simbólica tão cara à nossa gente, como também, e principalmente, reaver para o Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim, um dos elementos mais relevantes do nosso património naval não deixando de assegurar a concretização de dois objectivos essenciais:

- 1 - Prosseguir esse zelo da construção cujas artes e treiam, na nossa mestres Ribeira das Naus as;
- 2 - Recuperar o alguns estudiosos brimentos Sabedoria do Mar, dizagem das da navegação pescadores tres argutos e

Por outro lado, não uma lancha apenas artefacto passivo Museu. A Lancha

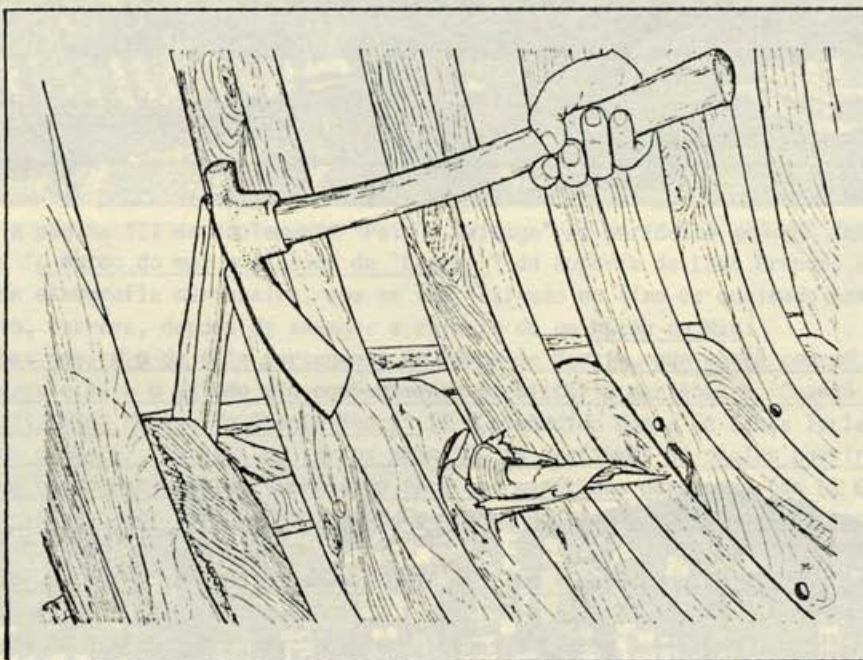
tá a ser construída para navegar. Vai navegar!

As suas cavernas, como as naves de uma catedral erguendo-se à luz marinha, apontam já uma esperança: a de que esta embarcação, com a ajuda imprescindível dos poderes públicos e privados possa vir a transformar-se numa Lancha-Escola das artes piscatórias da navegação à vela.

Só assim poderemos impedir a morte anunciada deste Saber, tão fugaz, que as novas tecnologias e, sobretudo, os novos fenómenos da divisão do trabalho e da organização familiar, por ausência de função prática e aproveitamento económico, ameaçam sepultar no mais profundo e anódino esquecimento.

O período de construção começou em Dezembro de 1990 e prolongar-se-á até ao dia do bota-abaixo - Lançamento à Água - em 15 de Setembro de 1991.

Hoje mesmo, finalizou-se a aparação das cavernas (aperfeiçoamento interior) tendo sido colocados os dormentes e as escoas (tábuas de cinta interior onde vão assentar, respectivamente, os bancos e as panas)

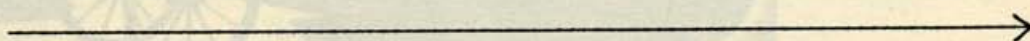


deixando de assegurar a concretização de dois objectivos

secular Saber-Fanaval em madeira, linguagens se ras região, desde os quinhentistas da até aos nossos di-

conhecimento que dos nossos desconhecidos por retomando a apren-técnicas e saberes à vela em que os poveiros eram mes-ousados.

queremos construir para obter mais um e engalanador do Poveira do Alto es-

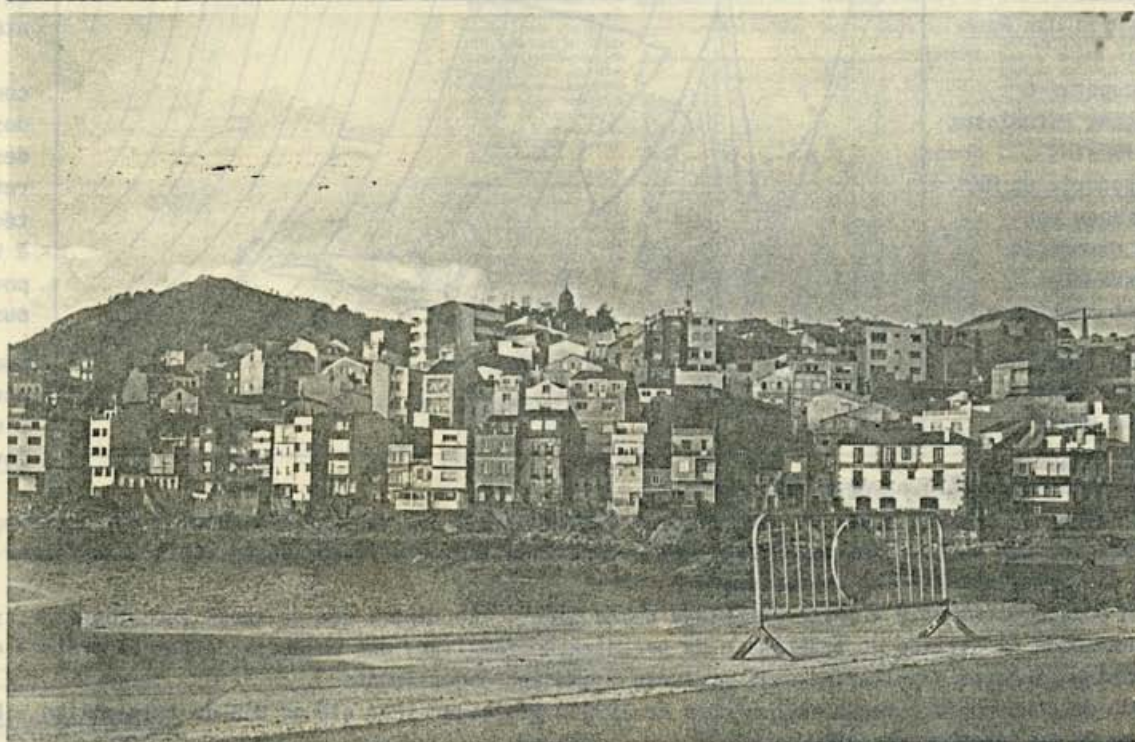
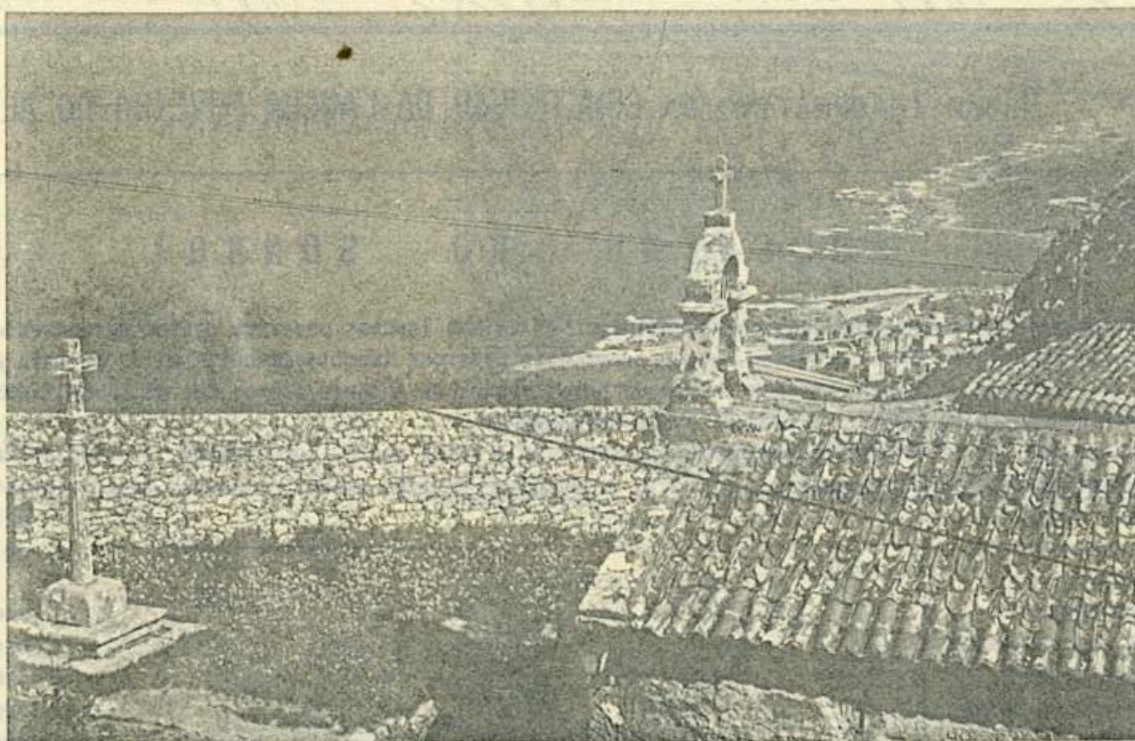




Em Maio será a vez da colocação da carlinga, peça de belo e escultórico design, em cuja pia é enfiado o pé do mastro. E por af fora, até que o mestre do estaleiro dê a lancha como pronta e esta, lançada à água, possa fazer a sua primeira viagem.

Viagem que, como manda a tradição, deverá, se o mar e os ventos permitirem, percorrer a distância que nos separa do abrigado porto galego de La Guardia, onde durante séculos se faziam as arribadas poveiras e onde deixamos imperecíveis testemunhos da nossa crença religiosa, como bem documentam as siglas gravadas na porta da Ermida de Santa Tecla.

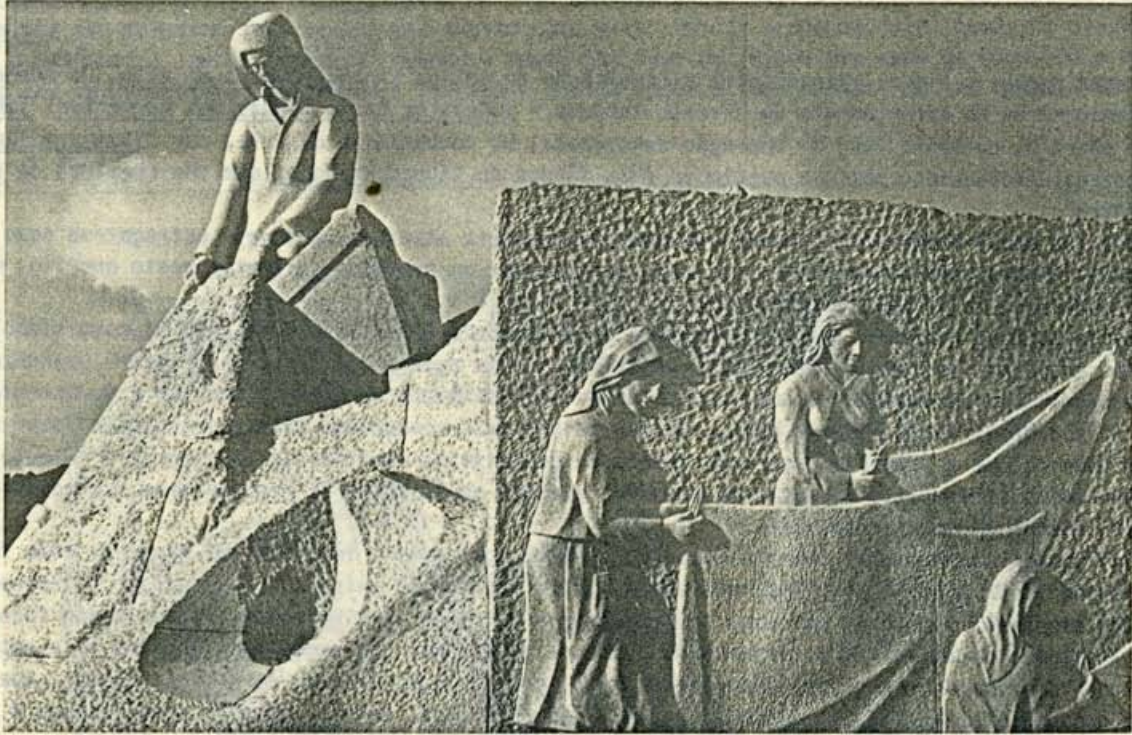
Oxalá o tempo e o vento nos corram de feição.



- Capela de Santa Tecla, Monte de Santa Tecla, sobranceiro ao Minho e ao Atlântico;
- Panorâmica do Porto e casario de La Guardia



## O MUSEU E A CRIAÇÃO DE NOVOS MUSEUS



La Guardia - Monumento ao Pescador (1991)

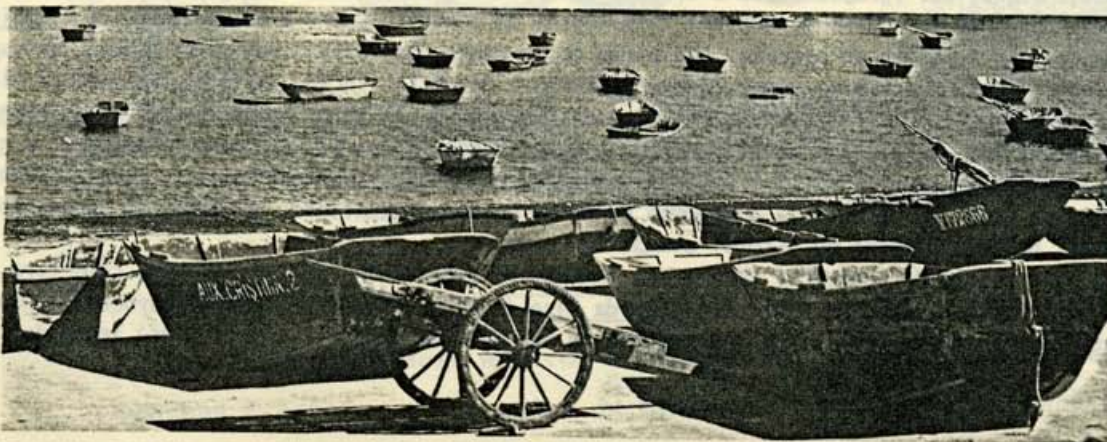
Tenho na minha frente a página III do suplemento "Pais y Paisage" do periódico galego XORNAL DIARIO, de 8.Mar.91. Sob o título "O Museo do mar a ilusion de 'Ligero'" da autoria de Laxe Grande, o autor lamenta a perda de elementos de etnografia marinheira, que se têm "atirado ao lixo ou queimado nas fogueiras de S.João". E, a propósito, escreve, depois de advogar a criação de um Museu do Mar:

"Um exemplo a imitar por nós, é o da vila portuguesa da Póvoa de Varzim, que conta com um Museu Etnográfico de indubitável interesse para o estudo e o conhecimento da história marinheira. Quando em 1983, graças a Eliseo Alonso e à Comissão de Festas de "Monte Tegra" (é o conhecido Monte de Santa Tecla), tivemos a formosa oportunidade de conhecer, através de vários painéis, os grafismos ou siglas poveiras, sentimos que essas marcas que também vemos nas gamelas (barcos) e aprestos marítimos Guardeses (de La Guardia, como conhecemos), não estão - salvo o meritório trabalho de E. Alonso Rodrigues em "Gamelas e marinheiros" - cuidadosamente recolhidos."

E, de outra passagem: "(...) será chegado o momento oportuno, em famoso complemento do 'Museu Municipal', ou 'Museu do Mar de A Guarda'".

Aqui está mais um título de orgulho para nós, Poveiros: o nosso "Museu Municipal de Etnografia e História" a servir de exemplo para a criação, na Galiza, de um "Museu do Mar de A Guarda".

Martins da Costa





## EM LOUVOR DA LANCHA NOVA

## A PESCADA COMO TRIBUTO E FORO

por M. Amorim

Segue, ponto por ponto, o ritual marcado para a construção da antiga Lancha Poveira do Alto. No momento, atarefam-se os carpinteiros no aprontamento do diverso tabuado - Tábuas da Boca; Tábuas dos Dormentes; Tábuas dos Bancos - que entra na primeira fase da operação denominada, no vocabulário da arte, por "Vestir a lancha". Ensina Filgueiras: "Veste-se o barco a partir de duas fiadas de tábuas da boca, que vão corridas da roda de proa ao cadastro".

Vestida a dama, há que a formosear e, depois de convenientemente ataviada, a vereis entregar-se como Dóris nos braços de Nereo. Promessa de felicidade!... E este aspecto que eu pretendo salientar neste escrito, modesto contributo à relevante iniciativa em curso.

A Lancha Poveira do Alto ocupa um lugar proeminente no património histórico local, não só como símbolo identificador de uma classe que se tornou famosa mas, igualmente, como agente económico de primeira grandeza. Com ela, os nossos pescadores arrancavam ao mar um produto de grande estimação na dieta alimentar e de apreciável cotação no mercado. A Pescada é, desde a Idade Média, um dos peixes mais consumidos pelos portugueses, sobretudo, pelo clero e pela nobreza que a preferia para cumprimento do preceito de abstinência. Favorecia o intento, a boa apetência daquele peixe para a salga e seca. Na verdade, grandes quantidades de Pescada eram trafegadas para o interior do país depois de secas e salgadas.

Recorrendo à documentação medieval sobre o nosso concelho encontramos a imposição da Pescada, como foro, em dois lugares da freguesia de Amorim: Mourilhe, onde seis casais pagavam 60 peixotas (nome vulgar da Pescada) e outros seis de Mandim pagavam 120. Também um casal de Travassos e outro de Cadilhe podiam entrar neste foro. Já os do requengo de Varazim como os de outros lugares da paróquia de Argivai não pagavam em espécie pela actividade pesqueira, mas sim um imposto convertível denominado nabão. Por sua vez, o foral de D. Dinis (1308), que vincula os moradores de Varazim à actividade do porto de pesca, impõe direitos, apenas, sobre a sardinha que é vendida e faz a reserva magestática da baleia e do roaz.

No tempo de D. João I foi criada a dfzima nova como preço da isenção dos pescadores no serviço das galés, a qual incidia sobre o peixe capturado no porto da Póvoa de Varzim o qual era arrolado e a dfzima paga em dinheiro. O foral de D. Manuel (1514) esclarece que tanto a dfzima nova como a dfzima velha (paga à Igreja) recafa sobre a sardinha "que matam com suas barcas ou bateis".

A nossa investigação sobre o séc. XVI apurou que a dfzima eclesiástica das Igrejas de Argivai e Póvoa de Varzim andava num só "bolo" e era paga ao Cabido de Braga, padroeiro dessas igrejas, uma parte em dinheiro e outra em espécie. E eis a famosa Pescada da Póvoa a entrar, de novo, como tributo senhorial. Como assim? O processo explica-se da seguinte forma. Sendo a renda da dizimaria muito variável, pois estava sujeita à contingência das colheitas; de cobrança difícil, atendendo à variedade do produto: frutos da terra, do mar, das aves de capoeira, dos gados, etc.; e, por vezes, litigiosa, como o pagamento do dfzimo do alho, contestado pelos lavradores de Coelheiro, os Senhorios calculavam a renda média para três anos e lançavam-na em hasta pública. Era um tipo de negócio muito procurado, na época, e que deixava apreciáveis lucros.

Possuímos dois documentos, dos finais do século XVI, que nos informam sobre as cláusulas contratuais do arrendamento da dfzima da Igreja de Argivai e sua anexa de Santa Maria de Varzim. O primeiro é de 1585 e diz que André Afonso Folqueira, de Vila do Conde, arrendou, por três anos, ao Cabido de Braga, a dizimaria daquelas Igrejas por Duzentos mil reis, em metal, cada ano, mais "Outo dúzias de Pescadas e outo de Rayas e ande pezar cada dúzia de Pescadas trinta arrates e cada dúzia de Rayas a dezouto arrates e se devem pôr em Braga antes do Natal de cada um anno".

O segundo documento é de 1588 e mostra que a renda se agravou quanto à verba em dinheiro mas se conservou no tocante ao pescado.

Não dizem os documentos a qual das Igrejas cabia o tributo das Pescadas e das Raias mas nós sabemos que a independência da Igreja da Póvoa em relação à de Argivai resultou de um contrato entre a nossa Câmara e o Cabido de Braga em que se lhe garantia a dfzima do pescado. Uma parte dessa renda, passaria a ser paga, agora, em espécie, Pescada e Raia, salgada e seca, e assim se compreende o baixo peso da dúzia (15 Kg. aproximadamente). É clara a intuição dos Cónegos de Braga que visa abastecerem-se para as Ceias do Natal e as abstinências da Quaresma.

Importante para nós é sabermos que a pesca do alto era praticada, nessa época, pelos nossos pescadores e que na nossa enseada havia lanchas e rasqueiros para a caça da Pescada e da Raia que consolariam as ceias penitenciais dos reverendos Cónegos da Sé e iam garantir a autonomia da nossa pequena comunidade, um sinal de progresso e prosperidade que outras povoações novas do litoral almejavam conseguir.

Daf em diante, nunca mais deixou de crescer o número das lanchas na ribeira e o uso da Pescada, como foro, vulgarizou-se nos contratos enfiteuticos. Em 1807, o Senhor da Casa da Praça (hoje, residência paroquial) Manuel Carlos dos Guimarães e Sousa aforou três casas que possuía na Rua Nova da Junqueira com a renda individual de



800 reis em dinheiro e "uma pescada boa, sã e seca..." . O Senhor Manuel Silva refere, num seu trabalho, que em 1918 foi remido o foro de um grande prazo da Santa Casa da Misericórdia, com terras na Giesteira da Póvoa e de Beiriz, o qual constava de cereais, galinhas, patos, carneiros, manteiga e 48 pescadas secas, de cabeça grande e ainda algum dinheiro.

Exímios na sua arte, os poveiros notabilizaram-se como pescadores do alto e não havia outros, do cabo de S.Vicente a Caminha que metessem seus barcos mar dentro como eles. Pescar a dez ou doze léguas de distância não constituía problemas; a lancha "boieira" quando o vento lhe dava de feição era como um sarrisco a fender o espaço e logo com terra à vista se animava a ribeira e a vida ganhava novo alento. OH AS LANCHAS DOS POVEIROS...



Lancha Poveira de dois mastros - Portada do livro: "Assentos das Lanchas e Bateis...", arquivo da Confraria de Nã.Srã. da Lapa, 1778



## " E A POVOA DE VARZIM VAI, ASSIM, PAGAR AOS SEUS ANTIGOS PESCADORES UMA DIVIDA DE GRATIDAO "

Oeiras, 25.3.91

De uma Carta do Exmo. Senhor Almirante Tengarrinha Pires, autor da obra Caravela dos Descobrimentos. Bolina na Costa Portuguesa (1988)

" Senhor Manuel Lopes, prezado Amigo

Agradeço muito sensibilizado a gentileza da sua carta e a oferta de livros que muito aprecio, além do dossier do Projecto da Lancha Poveira do Alto e as "Notfcias da Lancha".

Antes de mais, apresento-lhe os meus parabéns por ver coroados os seus muitos esforços para conseguir uma Lancha. E a Póvoa de Varzim vai, assim, pagar aos seus antigos pescadores uma dívida de gratidão, tendo no seu Museu uma reprodução autêntica da sua embarcação. E é ainda uma lição para o País inteiro que pouco a pouco deixou que se perdessem quase todas as embarcações do seu litoral, esquecendo todos os homens que fizeram nelas a ligação de Portugal com o mar.

Agradeço muito o convite para uma palestra sobre a Caravela dos Descobrimentos, mas, apesar da muita consideração pelo Senhor Manuel Lopes e pela Póvoa de Varzim, eu não vou ser aquilo que não sou, nem pretendi nunca ser: um conferencista. Tenho feito as comunicações na Academia para dar conta de trabalhos efectuados e para conseguir comentários que possam ajudar as buscas; enfim, apenas aspectos da minha investigação. Uma conferência em qualquer sítio só em condições muito excepcionais e muito contra vontade; não quero dizer "nunca farei" por há muito ter cortado do meu vocabulário esta expressão. (...)

Devo dizer, porém, que gostaria muito de ir à Póvoa, particular e pacatamente e em altura que fosse considerada conveniente, para apreciar uma Lancha Poveira em todos os seus detalhes.

Considero muito interessante o facto de estar a ser acompanhada toda a construção com descrições e filmagens. Virá a ser uma documentação preciosa.

E, muito grato por todas as gentilezas, peço-lhe que aceite os meus melhores cumprimentos

Tengarrinha Pires "

do mastro de ré para vante (como mostra a Fig. 17), mas, pelo menos nas últimas poveiras (Fig. 18) isso não acontecia e passava de vante para ré<sup>21</sup>.

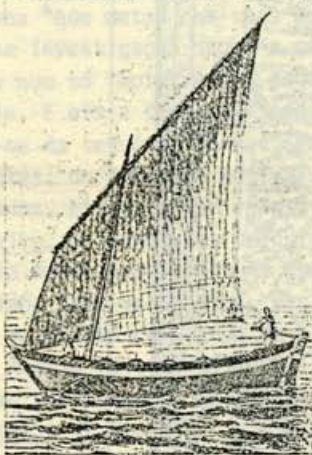


Fig. 17\*

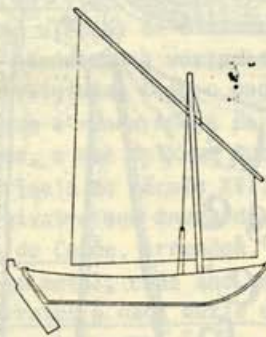


Fig. 18

O barco poveiro, apesar das suas formas, tinha boa velocidade e bolinava razoavelmente. Para a velocidade contribuíam a sua larga área de pano, o ser boeiro e ter fundo chato. Pode admitir-se que, a partir de certa velocidade, a força de sustentação do barco deixaria de ser apenas a impulsão hidrostática para começar a exercer-se também uma sustentação hidrodinâmica, LD (Fig. 19), provocada pelo fluxo da água no fundo<sup>22</sup>.

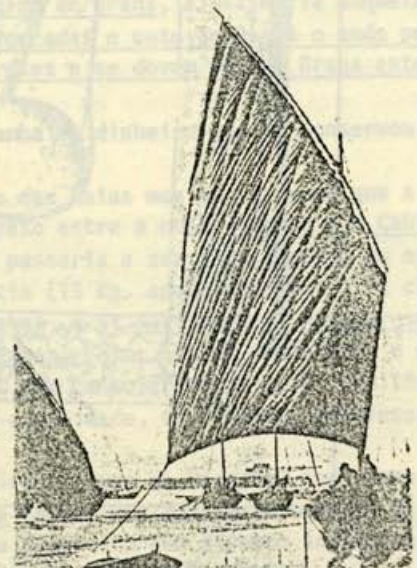
O casco não tinha formas favoráveis à bolina, mas o longo leme, que ia abaixo da quilha



Fig. 19\*\*

\* De *Estado Actual das Pescas em Portugal*, ob. cit., p. 376.

\*\* De *Caravela dos Descobrimentos — II (A — mareação de bolina)*, fig. 72.



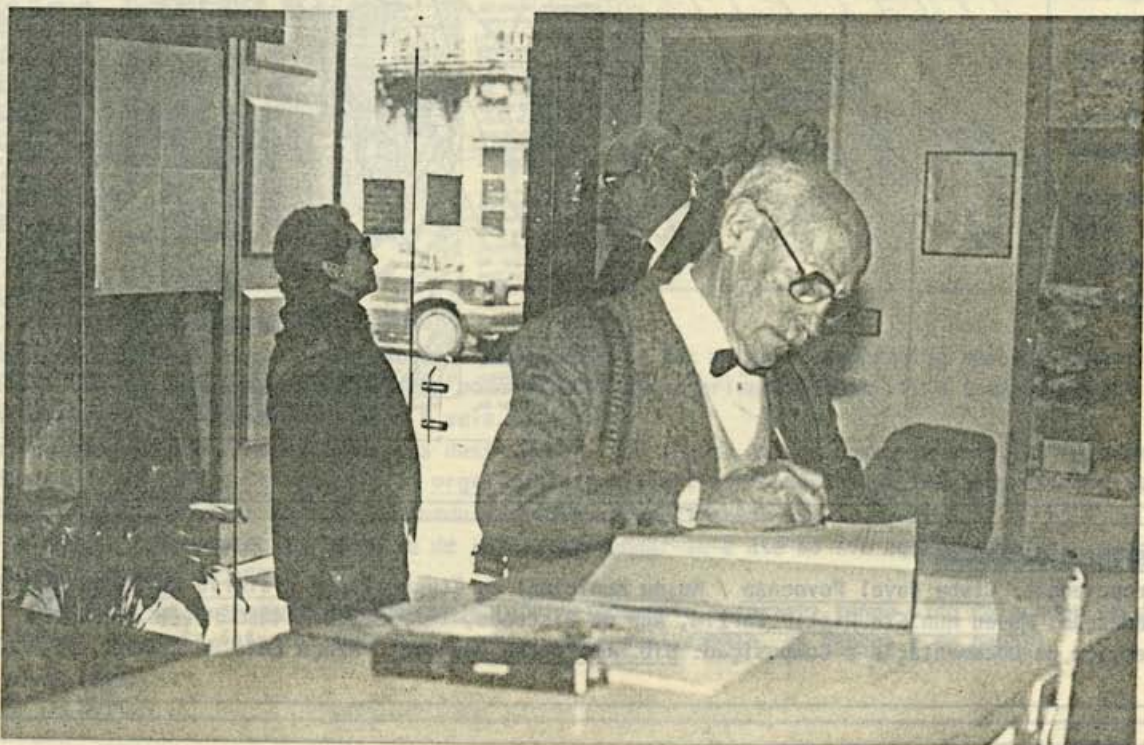


## VISITANTE ILUSTRE

Domingo de Passos, dia 17 de Março de 1991, o estaleiro visitável da Lancha Poveira e o Museu Municipal tiveram a honrosa visita do Exmo. Senhor Director do Museu da Marinha, Sua Ex<sup>a</sup>. o Senhor Vice-Almirante Alfredo Ramos Rocha, que foi recebido pelo Director do Museu Municipal de Etnografia e História e o Presidente da Direcção do Clube Naval Povoense, que o acompanharam numa demorada e pormenorizada visita guiada à Lancha Poveira, ao Museu e a todas as exposições e áreas da Casa dos Carneiros.

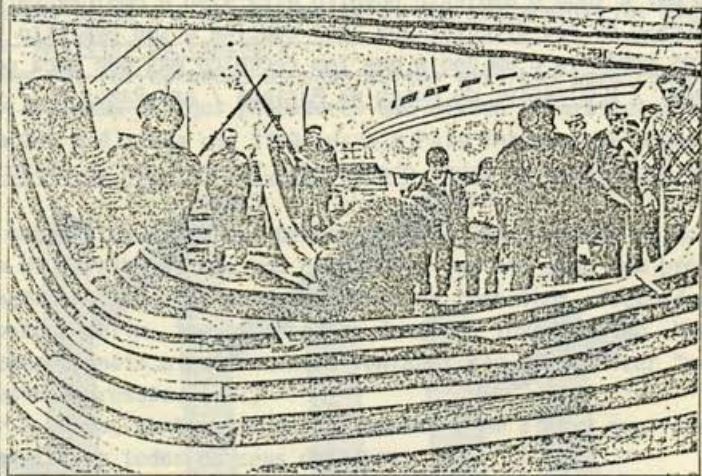
Visivelmente satisfeito com esta oportunidade que lhe foi facultada para o conhecimento do nosso Museu, o Ilustre Visitante deixou exaradas, no Livro de Visitantes, as seguintes impressões: "17.3.91 / Foi para mim uma verdadeira e agradabilíssima surpresa este maravilhoso museu: - polifacetado, maravilhosamente organizado em que o mar e todo o ambiente poveiro está vivo e omnipresente. Mas tudo isto é produto do esforço premiado pelo sucesso do seu director que aqui espelha o seu espírito brilhante e o sucesso conseguido que merece os maiores encômios e um apoio que tem recebido mas que peca por pequeno comparado com a obra conseguida e projectada. / O Director do Museu da Marinha / as). Ramos R. / v.a. (Vice-Almirante)"

Martins da Costa





## Lancha poveira volta a navegar



Renasce um novo exemplar da velha e tradicional lancha poveira

PAULA FERREIRA

### Artes de navegar

Os pescadores da Póvoa de Varzim e de Vila do Conde vão poder reviver, no dia 18 de Setembro, a lota-abalxo de uma tradicional lancha poveira, um símbolo marítimo daquela comunidade piscatória.

A embarcação, que se destinava principalmente à captura do peixe, contendo a ser construída esta semana numa estaleira de Vila do Conde, localidade onde a construção em madeira ainda está bem viva, sendo considerada por Manuel Lopes, director do Museu de Etnografia e História Municipal da Póvoa de Varzim, «um verdadeiro museu vivo».

É porque um museu da década de 90 deverá «corresponder a um novo projecto cultural e museológico tenha em linha de conta o tempo e o espaço geográfico, humano e cultural da comunidade poveira», dando a conhecer a cultura local entendida como um todo, que foi decidido construir uma lancha típica da região.

A última lancha desapareceu em 1956. Foi com muita emoção que os pescadores, alguns com os olhos marejados pelas lágrimas, assistiram ao início da construção da lancha, com o levantamento da quilha no picadeiro. A operação já tinha, contudo, sido iniciado com a escolha e corte da madeira numa boça da freguesia da Junqueira, em Vila do Conde, destinada à feitura do costado, quilha e cavernas da lancha.

O mais importante nesta iniciativa, na opinião de Manuel Lopes, é «reaprender as técnicas da construção naval». Aproveitando a existência na zona de uma escola de pesca, «podemos aprender com os jovens que estudam esta arte as suas técnicas». «A evolução é muito rápida e com a entrada na CEE é certo que a pesca artesanal vai desapa-

parecer», diz o director do Museu de Etnografia da Póvoa de Varzim.

A última lancha poveira chamava-se «Fé em Deus» e será esse o nome desta réplica que será lançada à água, no dia 18 de Setembro, data do 54º aniversário do Museu de Etnografia e História. Nesse dia os poveiros poderão vê-la de velas enfunadas dirigir-se à linha da maré. Depois recolherá ao museu onde ficará

exposta em espaço adequado.

### O jornal da Lancha

Manuel Lopes disse, oportunamente, que «ao museu compete a salvaguarda da lancha poveira, através da criação de um espaço museológico, adequado à qualificada apresentação pública da embarcação, em boas condições técnicas de conservação preventiva e, ao mesmo tempo, funcionalmente ajustado às condições e exigências de um museu vivo, que torne possível a deslocação e mobilidade de uma lancha do alto que está a ser construída para navegar».

No dia 27 de Fevereiro foi lançado o primeiro número do «Notícias da Lancha», subsidiado pelo museu de Etnografia e pelo Clube Naval Povoense. Através da publicação, as gentes da Póvoa são postas «ao corrente das diversas fases da construção. Entretanto, Manuel Lopes anunciou que num sábado de cada mês a população poderá ver como está a decorrer a construção, sendo esta iniciativa destinada, sobretudo, às escolas.

O custo desta embarcação com 12,40 metros de comprida, deverá custar 6.300 contos, sem IVA. Um quarto dos custos serão suportados pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. A construção conta com o apoio, para além naturalmente dos carpinteiros, do arqueólogo naval Octávio Lixa Felgueiras.



Velhos homens do mar não ficaram indiferentes à recordação agora revivida

### NOTÍCIAS DA LANCHA

Propriedade: Clube Naval Povoense / Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim

Redacção: Museu Mun.Etn.Hist.P.Varzim, Rua do Visconde, tel.622200 - 4490 Póvoa de Varzim

Serviço de Documentação e Composição: Bib.Mun."Rocha Peixoto", Praça Lufs de Camões, 15, tel.684340 - 4490 Póvoa de Varzim